Revolta das Canetas: o papel das redes sociais na ocupação das escolas no Ceará, em 2016[1]

Bárbara Lopes Rêdes[2]
Marcia Vidal Nunes[3]
Universidade Federal do Ceará, UFC, CE

Resumo: O objetivo geral deste artigo é compreender a importância das redes sociais, especificamente o facebook, como ponto de conexão, produção de conteúdo, saberes e fortalecimento do movimento de ocupação das escolas no Ceará, em 2016, na construção da cidadania política dos estudantes. O trabalho se constrói com base nos estudos da cibercultura, da mobilização social, da sociedade em rede e do uso do facebook como plataforma de sociabilidade online.

Palavras-chave: movimentos sociais; cidadania; redes sociais.

1.Introdução

Em 23 de setembro de 2015[4], o governo do Estado de São Paulo anunciou, através do Jornal Folha de São Paulo, o plano de reorganização escolar da cidade[5], causando uma indignação aos estudantes, pais e professores. Na visão desses atores sociais, o foco principal dessa indignação seria a falta de debate e a redução na qualidade do ensino através de cortes de verbas. A postura da imprensa e do governo provocou um movimento de ocupação nas escolas, denominado "Não fechem a minha escola", que causou uma comoção social.

Durante três meses, foi criada uma rede horizontal entre estudantes, sociedade e professores, massificando o movimento através das plataformas de comunicação digital e da ocupação de escolas públicas, onde mais de duzentos prédios foram tomados. Os alunos criaram uma série de páginas nas redes sociais[6], utilizaram um manual de ocupação escolar, vídeos, fotos e conseguiram adesão e participação da classe artística e

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2].Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, email: barbararedes@gmail.com.
[3] Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, email: marciavn@hotmail.com
[4] Infográfico Ocupação das escolas no Brasil: http://www.iinterativa.com.br/infografico-os-dados-movimento-de-ocupacao-nas-escolas/
[5] Motivos de reorganização da escolas: http://www.esquerdadiario.com.br/10-motivos-para-ser-contra-a-reorganizacao-das-escolas-do-estado-de-Sao-Paulo
[6] Página Facebook @naofechemminhaescola: https://www.facebook.com/naofechemminhaescola/

da sociedade em geral. O movimento pautou a grande mídia e, com tanta pressão, o governo Alckmin[7] recuou nas muitas tentativas de "reintegração de posse" das escolas e com a rede pública, quase em sua totalidade, paralisada.

No Ceará, cinco meses depois, os professores decidem paralisar as aulas, eles reivindicavam aumento salarial e melhores condições de trabalho, após algumas tentativas de conversa com a Secretaria de Educação (SEDUC) e percebendo que não estavam avançando nas negociações, através de assembleia geral com o sindicato dos professores (APEOC)[8], os estudantes decidiram ocupar as escolas.

A primeira escola a ser ocupada, no dia 28 de abril, foi o Caic Maria Alves Carioca. No mesmo dia, estudantes da escola Presidente Geisel, em Juazeiro do Norte, ocupam o prédio e aderem ao movimento.[9] Foram ocupando uma a uma, com uma semana de mobilização, dez prédios foram ocupados. O movimento ganhou força e apoio dos professores e demais integrantes da sociedade, até chegar a 67[10] escolas ocupadas no Estado do Ceará, em 03 meses de mobilização. Os estudantes lutavam pela implantação do passe livre, diversificação no cardápio da merenda, reforma das escolas, recontratação de professores demitidos, contratação de vigilantes noturnos, discussão de gênero dentro do currículo de ensino, aumento na qualidade da alimentação fornecida pelas escolas.

A mobilização estudantil que aconteceu no Brasil, entre 2015 e 2016, em São Paulo, no Ceará e em várias cidades do Brasil, denominada "Primavera Secundarista", teve como referência os movimentos estudantis do Chile (Revolta dos Pinguins)[11], em 2006 e 2011. A partir das experiências de ocupação e uso das redes sociais, utilizaram-se de informações, conteúdo e material, postagens e manuais que construíam um passo a passo de como ocupar uma escola. Um movimento em rede, criado de forma horizontal, híbrida, com ocupações e uso das redes sociais para realizar mobilizações, produzir conteúdo, dar informações e fortalecer os direitos dos estudantes terminou com uma série de vitórias em todo os estados do Brasil[12]. O movimento teve como ponto principal a criação das redes horizontais, multimodais, tanto na internet quanto no espaço urbano, com a criação de um terceiro espaço, o espaço da autonomia.

[7] http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151204_alckimin_estudantes_movimento_rm
[8] Apeoc –Sindicato dos Professores e Servidores da Educação e Cultura do Estado e Municípios do Ceará
[9] Ocupação das escola no Ceará: http://educacao.uol.com.br/noticias/2016/05/25/sem-acordo-estudantes-decidem-manter-ocupacao-de-54-escolas-no-ceara.htm
[10] http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/08/mesmo-com-fim-da-greve-4-escolas-seguem-ocupadas-em-fortaleza.html
[11] http://ubes.org.br/2016/ha-10-anos-pinguins-marchavam-no-chile-como-isso-mudou-a-educacao/
[12] http://ubes.org.br/2016/retrospectiva-relembre-as-grandes-vitorias-da-primavera-secundarista/

2. Justificativa e metodologia

Esse artigo visa compreender como foi o processo de mobilização de ocupação das escolas pelos estudantes no Ceará entre maio e agosto de 2016, a partir da utilização das redes sociais, especificamente o facebook, plataforma digital usada para produzir saberes, informar, conectar, fortalecer e dar voz ao movimento.

O trabalho possui uma perspectiva qualitativa e exploratória em relação às seguintes questões: como se deu o processo de uso das redes sociais e conexão para a mobilização? As redes sociais foram importantes para o movimento ganhar força e tomar amplitude? Qual a contribuição da ocupação das escolas no Ceará para o exercício da cidadania política dos estudantes?

A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória e análise de conteúdo. Como ponto de partida, precisávamos escolher as escolas que iríamos estudar, já que, no Ceará, ao todo, foram 67 escolas ocupadas. Então, decidimos estudar a primeira escola a ser ocupada, Caic - Maria Alves Carioca, localizada na periferia da cidade de Fortaleza, no Bairro Bom Jardim, e a escola Adauto Bezerra, localizada no Bairro de Fátima, escola Central da cidade de Fortaleza.

A pesquisa se deu a partir da realização de um grupo focal com três estudantes da ocupação na escola Adauto Bezerra, realizada no dia 19/05/17. Também utilizamos um seminário denominado "Escolas em luta", realizado no dia 06/05/17, no qual cinco estudantes das escolas do Bom Jardim (CAIC,[13] Julia Alves, Osiris Pontes) apresentaram relatórios sobre a ocupação no bairro, respondendo a questões com a participação de cinquenta estudantes de ocupação nas escolas do Ceará, profissionais do CEDECA[14], professores e profissionais de diversas áreas. Ao todo, foram gravadas seis horas do seminário e três horas de conversa com os três estudantes da escola Adauto Bezerra.

Todos os estudantes tinham, em média, entre 15 a 18 anos. Eram homens e mulheres. No grupo focal, a conversa foi dividida em três momentos. No primeiro momento, falamos sobre a formação da ocupação, depois o fortalecimento do movimento e, por último, o final do movimento e o legado deixado. No caso do seminário, foi dividido em três momentos: o primeiro momento em uma grande roda de

[13] Caic – Escola Maria Alves Carioca
[14] Centro de defesa da criança e do adolescente do Ceará.

conversa, com perguntas aos cinco estudantes; o segundo momento, uma roda de conversa com o autor do livro "Baderna - Escolas de Luta", Jonas Medeiros, a equipe do CEDECA e Arquivo X (ONG); e o terceiro momento, a apresentação dos relatórios de ocupação do Bairro Bom Jardim.

A partir da definição dos atores (escolas ocupadas pelos estudantes), decidimos analisar o conteúdo das páginas das ocupações no facebook: @ocupaadauto (3559 curtidas), @escolasemlutace (7.049 curtidas) e @ocupacaic (2.582 curtidas) e suas conexões com a cidade de Fortaleza. Analisamos as postagens das escolas e as atividades realizadas na construção do movimento.

3. Novos movimentos sociais: ocupação e redes sociais

> Só o tempo vai dizer, mas 2011 pode ter marcado o início da reconquista do espaço público. Praças e ruas ficaram cheias - da Primavera Árabe aos protestos contra medidas de austeridade econômica na Europa, do Occupy aos Indignados da Espanha. Somem-se isso a outras tantas ações aqui no Brasil - das manifestações pela descriminalização da maconha aquelas organizadas pelo direito de se vestir livremente. Muitos políticos não entendem como esses atos não foram necessariamente organizados por partidos e sindicatos, mas sim um processo descentralizado, que brotou a partir da insatisfação popular tanto com a persistência de problemas existentes quanto com as soluções que vêm sendo dadas pelos próprios representantes políticos a esses problemas. (HARVEY et al, 2012, p. 1)

Esses movimentos eclodiram por todo o mundo e, em todos os países, houve a mesma forma de ação: ocupações de praças, uso de redes de comunicação alternativas e articulações políticas que recusaram o espaço institucional tradicional. Uma onda de mobilizações protagonizada pelos jovens, um despertar coletivo não só pela mídia tradicional da TV ou do rádio, mas por uma nova difusão, nas redes sociais da internet. (HARVEY et al, 2012)

No Brasil, a partir de junho de 2013, as manifestações ganharam mais força, com o movimento da copa das confederações, em que os brasileiros lutavam por diversas causas (saúde, educação, infraestrutura). Nessa época, diversos movimentos ganham a cena pública, dentre eles o "Vem Pra Rua", seguido do "Passe Livre" até a "Primavera Secundarista", movimento dos estudantes que se iniciou em São Paulo em 2015 e se estendeu por todo o Brasil no ano de 2016.

A Revolta das Canetas, como é denominado o movimento de ocupação dos estudantes no Ceará, teve sua primeira ocupação no dia 28 de abril de 2016. Iniciou-se a partir de uma assembleia dos estudantes junto com o sindicato dos professores (APEOC) no ginásio Paulo Sarasate. A partir desse dia, estudantes decidiram iniciar o

processo de ocupação nas escolas. A ocupação deveria ser voluntária e debatida com cada grupo de estudantes de cada escola, através de assembleias. Nesse processo, os grupos de estudantes criaram páginas no facebook de cada escola, levaram a discussão para as salas dos colégios e marcaram assembleias, para que fossem votadas as ocupações. Somente após a votação eram realizadas as ocupações.

A primeira escola a ser ocupada foi o Caic, localizado no bairro Bom Jardim. Iniciou a ocupação com 40 estudantes. No mesmo dia, estudantes ocupam a escola Presidente Geisel, em Juazeiro do Norte. A cada dia, uma nova escola era ocupada, e o ato era postado em páginas no facebook, realizando uma grande pressão, para que mais escolas fossem ocupadas. Assim, criou-se uma grande rede, conectada e, a cada dia, mais fortalecida. Ao todo, o movimento denominado Revolta das Canetas mobilizou 67 escolas no Ceará.

O movimento se constituiu de forma horizontal, desde o inicio das ocupações até o final delas. Todas as decisões eram tomadas pelo coletivo, de forma democrática. Esses movimentos eram formados a partir de uma rede horizontal, multimodal. Esses novos atores sociais, jovens, não possuem liderança. Atuam tanto na internet quanto no espaço urbano. "Não precisam de uma liderança formal, de um centro de comando ou controle, nem de uma organização vertical. Essa estrutura descentralizada maximiza as chances de participação do movimento, já que ele é constituído de redes abertas." (CASTELLS, 2013, p. 164)

O Movimento de ocupação nas escolas do Ceará teve como referência a experiência dos estudantes do Chile em 2006 e 2011, a Revolta dos Pinguins, onde foram produzidos uma série de documentos, filmes, manuais, sites e páginas nas redes sociais, com informações de como organizar a ocupação de uma escola, desde a ocupação inicial até a distribuição das comissões, atividades e assembleias.

Eles utilizaram um manual que explicava o plano de ação e dividia as ocupações por comissões (segurança, comida, imprensa, informação, limpeza e relações externas). As assembleias eram periódicas, de forma horizontal. Todos os estudantes participavam das atividades diárias junto com os pais, professores e todos aqueles que tinham interesse em ajudar ao movimento. E foi com essa experiência que os estudantes realizaram as ocupações de escolas públicas, iniciando em São Paulo e se espalhando por todo o Brasil. A conexão se deu através da internet, principalmente pelas páginas no facebook criadas por cada escola, constituindo uma grande rede de escolas.

> Os secundaristas romperam o isolamento individualista do cotidiano escolar e criaram uma nova sociabilidade no processo de luta: uma sociabilidade baseada na co-responsabilidade, na horizontalidade dos processos decisórios e no cuidado do patrimônio público. (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016, p. 13)

Era primordial que fosse discutido todo o processo de organização da ocupação, garantindo que as tarefas fossem cumpridas no prazo. Então, era sugerido que fossem divididas as comissões, tendo claro o objetivo e os processos de cada uma delas.

Os movimentos sociais em rede têm exigido uma nova forma de democracia, novos tipos de movimento democrático, reconstituindo a esfera pública no espaço da autonomia, constituído em torno da interação entre localidades e redes da internet. (CASTELLS, 2013, p. 181). Também estabelecem redes de articulações. Na prática cotidiana, esses movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social. Atuando em redes, constroem ações coletivas de resistência em busca da inclusão social. "Constituem e desenvolvem o chamado empowerment de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede." (GOHN, 2010, p. 336)[15].

3.1 Movimentos sociais e a internet

A Comunicação, tanto dentro quanto fora de suas fileiras, desempenha um enorme papel na trajetória dos movimentos sociais (DOWNING, 2001, p. 59). As pessoas só podem desafiar uma dominação, conectando-se entre si, por isso o papel da comunicação nos movimentos sociais é essencial (CASTELLS, 2013).

Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet. (GOHN, 2010. p. 335-336).

Para Lévy (2009), a Internet, a grande Ágora do século XX e XXI, é um ambiente interativo, colaborativo. Esse ambiente interativo possibilita aos atores sociais difundirem suas reivindicações, expressarem suas ideias, suas indignações e medos.

> O ambiente tendencialmente interativo, cooperativo e descentralizado da Internet introduz um componente inesperado e criativo nas lutas sociais da segunda metade dos anos 90. Partidos, sindicatos, organizações não-governamentais e até grupos guerrilheiros, ainda que eventualmente separados por estratégias e táticas de ação, descobrem no ciberespaço possibilidades de difundir suas reivindicações (MORAES, 2000, p. 142)

[15] empowerment = empoderamento.

Essas reivindicações dos atores sociais formam uma grande rede de comunicação online, usufruindo do ciberespaço, em qualquer tempo, de várias formas e expressões.

> A militância online vem alargar a teia comunicacional planetária, usufruindo de uma das singularidades do ciberespaço: a capacidade de disponibilizar, em qualquer espaço-tempo, variadas atividades, formas e expressões de vida. (MORAES, 2000, p. 142)

O Movimento Revolta das Canetas utilizou as redes sociais para fortalecer, fazer conexão com outros movimentos, conseguir alimentos, palestras, oficinas, e fortalecer os direitos dos estudantes. Através das redes sociais se formou uma grande união, de forma horizontal, com os estudantes se conectando entre si e com outras escolas do país, compartilhando as postagens, curtindo e escrevendo comentários, e fazendo com que a opinião pública sobre o movimento fosse positiva. "Uma vez consolidada a permanência dentro da escola, os estudantes passavam a compartilhar suas experiências cotidianas no facebook, criando páginas 'para divulgar a ocupação'" (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016) .

Uma das comissões constituídas foi a comissão de imprensa, que tinha a responsabilidade de divulgar a ocupação para os meios de comunicação, outras escolas/universidades e para a sociedade em geral.. A criação de páginas, no facebook, era um dos processos estabelecidos dentro do manual, pois a preocupação de informar, comunicar e interagir com a sociedade era considerada importantíssima para o desenvolvimento das ocupações. As páginas no facebook das escolas eram criadas sempre com a palavra ocupa e o nome da escola: @ocupaadauto, @ocupacaic. Além das páginas das escolas, também foi criada uma página no Ceará, que fazia uma conexão entre todas as escolas do Estado, postando e compartilhando informações sobre o movimento. O nome da página era @escolasceemluta.

Os atores sociais estão conectados em rede de múltiplas formas: internet, telefones celulares, redes sem fio. A forma de se conectar é multimodal, redes sociais on-line e off-line. "Formam-se redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo, com a blogosfera da internet, com a mídia e com a sociedade em geral." (CASTELLS, 2013, p.162)

Além da conexão através das redes sociais, esses movimentos se conectaram a partir das trocas de experiências nas ocupações. Estudantes das escolas visitavam outras escolas. Se havia necessidade de fazer uma manifestação na rua próxima à escola

Adauto Bezerra, estudantes do Caic ficavam na ocupação, substituindo quem fosse para a rua, assim a escola não ficaria desocupada. A cada quinzena, eram realizadas assembleias com todas as escolas, cada vez num local diferente e representantes de cada escola ocupada participavam do evento. Cada escola foi tendo sua autonomia e participando de uma grande rede. Além disso, aconteceu uma caravana composta pelos estudantes que ocuparam as escolas em São Paulo, que passou por todo o país, chegou ao Ceará, com o intuito de realizar visitas às escolas ocupadas, e realizar mais uma troca de experiência, de intercâmbio.

O dia a dia das escolas era cheio de atividades, oficinas, aulas, limpeza, cuidados com horta, palestras e debates. Compartilhavam informações e atividades, agendaram assembleias, manifestações de ruas e visitas de uma escola a outra.

Figura 1: Aulões especiais de julho.
Fonte: página facebook @ocupaadauto

Esses movimentos querem reinventar a democracia, encontrar maneiras que possibilitem aos seres humanos administrar coletivamente suas vidas de acordo com os princípios amplamente compartilhados em suas mentes e, em geral, negligenciados em sua experiência diária. (CASTELLS, 2013, p. 167-168).

3.2 As ocupações e a relação com a cidade

As mobilizações, no meio digital, são promovidas, quando os indivíduos se identificam com alguma causa, debate ou quando concordam com a argumentação de uma determinada pessoa ou grupo. A utilização das redes sociais fez com que as pessoas pudessem-se identificar com o movimento, acompanhando o dia a dia, as oficinas, os debates, as assembleias, imagens e vídeos que marcaram as ocupações, sendo compartilhado em tempo real. Realizavam agendas semanais que eram postadas

nas redes sociais, para que todos pudessem ficar sabendo das atividades desenvolvidas na escola, conforme o calendário de atividades.

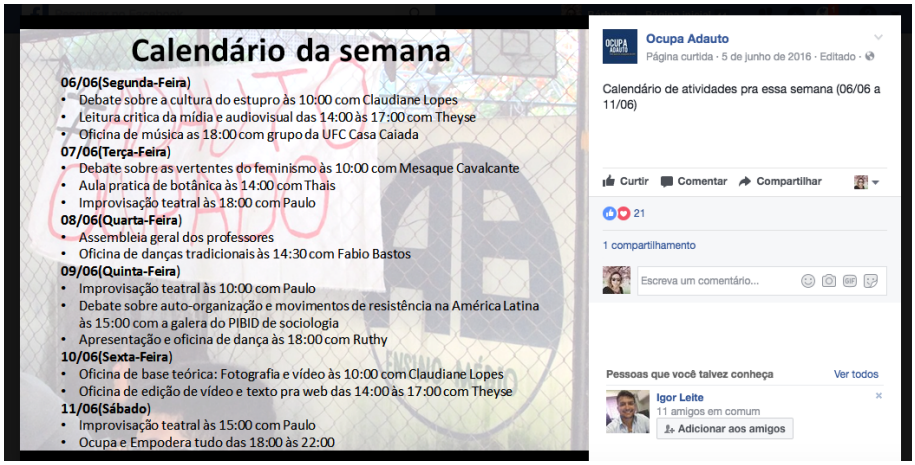

Figura 2: Calendário de atividades semanais
Fonte: página facebook @ocupaadauto

No caso da Revolta das Canetas, em 2016, as pessoas se identificaram com a causa dos estudantes, com sua luta por uma melhor educação, do cuidado com o patrimônio público, com a interação e discussão sobre questões essenciais na formação cidadã do ser humano. A sociedade participou do movimento, compartilhando, curtindo, fazendo comentários, interagindo, realizando oficinas, discutindo a melhoria da educação.

> Os seres humanos criam significados interagindo com seu ambiente natural e social. Conectando suas redes neurais com as redes da natureza e redes sociais. A constituição das redes é operada pelo ato da comunicação. A comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. (CASTELLS,2013, p. 15).

A Internet vem sendo utilizada como fonte de conexão social, estreitando e ampliando relações com as pessoas, através de curtidas, compartilhamentos, páginas e grupos que acabam por unir pessoas que possuem afinidades em comum. Foi o que aconteceu com o movimento de ocupação das escolas. Os estudantes chamaram a cidade para participar, seja na doação de alimentos, na realização de oficinas, na participação do debate, nos atos e manifestações de ruas.

A comunidade, os pais, a vizinhança, professores, artistas, a sociedade em geral, ao perceberem, através das redes sociais, o dia a dia dos estudantes, mobilizaram-se e isso acabou por gerar uma visão positiva do movimento. Em diversos momentos, a imprensa produziu pautas positivas, proporcionando, assim, um apoio da cidade.

Podemos constatar isso em duas matérias publicadas em um jornal local e outra na internet: no caso, uma entrevista com o cantor Criolo, que se emocionou ao visitar o Caic, escola do Bom Jardim.[16]E, em outra matéria, falava do apoio dos pais na ocupação junto aos estudantes[17].

Figura 3: Visita do cantor Criolo na ocupação
Fonte: página facebook @ocupacaic

> Poucas vezes na história social recente um movimento soube utilizar um espectro tão amplo de táticas e se metamorfosear em tão curto espaço de tempo. O movimento dos estudantes soube explorar a grande simpatia que despertou na população. (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016, p. 14)

As ocupações começaram nas escolas onde as turmas estavam mais engajadas na luta, mas o exemplo serviu de inspiração para estudantes de mais lugares, e rapidamente mais de 200 colégios, no Ceará, aderiram ao movimento.

Espalharam-se por contágio, num mundo ligado pela internet sem fio, pela rápida difusão, viral, de imagem e de ideias. Ocuparam as escolas cuidando das mesmas[18], em uma relação de pertencimento, realizando assembleias, apresentações artísticas e culturais, trazendo o debate sobre temas como LGBTT, Juventude Negra, questão de gênero, educação e cidadania. Como no caso da postagem abaixo, onde o Massa Crítica Fortaleza colocou, no facebook, os estudantes pintando a faixa de pedestre.

[16]http://tribunadoceara.uol.com.br/diversao/cultura/criolo-diz-ter-ficado-emocionado-em-visita-a-escola-ocupada-por-estudantes/
[17]http://brasileiros.com.br/2016/05/no-ceara-pais-se-revezam-com-estudantes-em-escolas-ocupadas/

[18] http://brasileiros.com.br/2016/05/no-ceara-pais-se-revezam-com-estudantes-em-escolas-ocupadas/

Figura 4: Estudantes pintam a faixa de pedestre
Fonte: página facebook @massacriticafortaleza

Os estudantes tiveram o apoio de vários setores da sociedade nas ocupações. Realizaram uma conexão com as pessoas a partir das redes sociais, onde professores, pais, comunidade, artistas, profissionais multidisciplinares e a sociedade em geral puderam compartilhar esse momento com os estudantes e através dessas conexões digitais, onde se pode enxergar as escolas públicas e quais eram as pautas e ideias desses jovens.

Nesse processo, eles construíram uma identidade dentro da ocupação. Tornaram-se atores sociais e utilizaram a internet, através da criação de páginas no facebook. Contaram sua história, seu dia a dia, interagiram com a cidade, através de vídeos, imagens e depoimentos em busca de uma esperança, de uma mudança social.

> São movimentos profundamente autoreflexivos. Questionam-se permanentemente como movimentos, e seus participantes como indivíduos, sobre o que são, o que desejam e o que pretendem realizar, que tipo de democracia e sociedade estão almejando e como evitar imprevistos e armadilhas de tantos movimentos fracassados por reproduzir em si mesmos os mecanismos do sistema que queriam mudar, em particular no que se refere á delegação política da autonomia e soberania. Essa auto reflexividade manifesta-se no processo de deliberação das assembleias, mas também em múltiplos fóruns da internet, assim como numa miríade de blogs e grupos de discussão nas redes sociais. (CASTELLS, 2013, p. 167-168)

4. O Legado: os estudantes e o exercício da cidadania

Carvalho (1995) abre a discussão sobre o tema cidadania, dizendo que é um fenômeno complexo e historicamente definido. Uma cidadania plena que combine liberdade, participação, e igualdade para todos é um ideal ocidental e, talvez,

inatingível, mas serve de parâmetro para o julgamento de cada país em cada momento histórico que atravessa. Costumou-se desdobrar a cidadania em direitos civis, políticos e sociais. São direitos cuja a garantia se baseia em uma justiça eficiente, barata e acessível a todos.

Para Canclini (2009), ser cidadão não tem a ver, apenas, com direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais, mas, também, com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento. Ele cita os estudos norte-americanos que se destinam a legitimar as minorias, não reconhecidas pelo Estado. Ele aborda a experiência dos movimentos sociais na América Latina, que estão redefinindo o que se entende por cidadão, não apenas em relação aos direitos à igualdade, mas, também, em relação aos direitos às diferenças.

Através da Revolta das Canetas, os estudantes exercitaram a cidadania política a partir de debates e discussões, abordando temas sobre direitos, participação, igualdades, minorias. Os estudantes realizaram, de forma horizontal, uma conexão com diversos movimentos e causas da cidade (questão de gênero, movimento LGBTT, questões raciais; e até ONGs e instituições que deram apoio jurídico, no caso o CEDECA), porém sem hegemonia de nenhum partido, organização política, movimento sindical ou social. Isso é decorrente do desejo destes estudantes de construir uma identidade própria.

Durante o grupo focal e o seminário, ficou clara a participação atuante de todos os estudantes no movimento, e, também, a participação dos professores, pais e comunidade em vários momentos, durante três meses de ocupação. A discussão era coletiva e compartilhada com a cidade. Eles queriam construir a sua história, com suas características, criando a sua identidade.

No inicio da ocupação, nem todos os estudantes entendiam direito o que estava acontecendo. Na ocupação do Caic, por exemplo, dos quarenta estudantes que iniciaram a ocupação, apenas quinze tinham essa consciência politica e o entendimento do que seria a ocupação; porém, durante o processo, essa visão foi-se alterando e, ao final da ocupação, percebeu-se que houve um despertar politico.

> A experiência das ocupações, pelo seu impacto na relação dos alunos com as escolas (através destas descobertas e do cuidado com o espaço) e consigo mesmos, deflagrou um processo mais amplo que a luta contra a "reorganização", envolvendo cada vez mais pautas e quebrando o ceticismo ou resignação com relação a educação pública. (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016, p. 149).

Em vários momentos de contato com os alunos, foi dada ênfase ao legado dos estudantes nesse movimento. "A ocupação foi um ato politico, um ato educacional"[19].

Em todas as entrevistas com os estudantes, surgiu o tema de construção da cidadania: a ocupação, de três meses, foi o grande aprendizado, que possibilitou um crescimento como um agente político ativo, entendendo seus direitos e construindo a sua identidade. Um exemplo é o depoimento da estudante Kaliane Sena na página do Ocupa Caic, em 23 de maio de 2016.

> Através da ocupação descobrimos que, ao invés de perambularmos pelos corredores, presos a ordens ditadas para nós, existe um eu dentro de cada um de nós, que é capaz de formular nossas próprias ideias. A ocupação é libertadora. Ela vem ensinando a mim e a diversos alunos que juntos possuímos o poder de mudar tudo à nossa volta, que temos o poder de mudar o mundo. E é por esse motivo que precisamos unir cada vez mais nossas forças. Não vamos parar por migalhas oferecidas por nosso governador, com o intuito de nos conter. Queremos uma educação de qualidade não apenas para uma parte, mas sim para todos. Nós somos o poder, e juntos venceremos quaisquer obstáculos. Avante estudantes! Não tem arrego!

Os estudantes resistiram durante três meses, até o momento que a Secretaria de Educação foi, de escola em escola, negociar as solicitações, pois cada escola tinha reivindicações específicas. Começou a haver uma grande pressão do governo, e a opinião pública passou a se colocar contra o movimento, até o ponto em que a Secretaria de Educação solicitou aos diretores da escolas a relação dos estudantes que estavam ocupando. Com essa relação, a SEDUC fez intimações a 320 estudantes sobre supostos danos cometidos ao patrimônio público.

Com essa pressão do Ministério Público, os estudantes desocuparam, uma a uma, as escolas, porém conseguiram, com o apoio do CEDECA, suspender as intimações. O final do processo desencadeou a assinatura do termo de ajustamento de conduta (TAC) com várias reivindicações dos estudantes: alimentação de qualidade, participação dos estudantes nas decisões da escola, através de uma gestão democrática, plano de manutenção e conservação das edificações, aquisição de laboratórios de informática, diagnóstico dos laboratórios (redação, informática, química, física e biologia). Para acompanhar esse termo, foi criado o FUMEP (Fórum Unificado do Movimento Estudantil e Popular), composto por estudantes.

Acredita-se que a mobilização foi vitoriosa. Após a primavera secundarista, os estudantes começaram a voltar a pensar, a debater, a discutir pautas importantes

[19]Depoimento da Jane, estudante do Caic Bom Jardim, concedido em 06 de maio de 2017, no Seminário Escolas em lutas.

referentes ao exercício da cidadania política. Esse é o grande legado, pautado por todos os estudantes: o de sua construção como cidadãos e a descoberta como sujeitos de sua história. Muitos estudantes se engajaram em lutas especificas, percebendo que constroem a história do Brasil.

> Essas novas relações já estão dando frutos após a vitória do movimento: grêmios horizontais e desvinculados de partidos e das instituições burocráticas estão sendo fundados em dezenas de escolas; a dinâmica em sala de aula tem sido alterada, com maior participação dos estudantes; e pais e estudantes sentem-se agora empoderados, para cobrar e controlar a atuação das direções das escolas. Além de tudo isso, milhares de estudantes-ativistas forjados nas ocupações e protestos já carregam sua experiência de ação autônoma e horizontal para as universidades e para os locais de trabalho. Muitos frutos tardios ainda estão por vir. (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016, p. 13)

5. Considerações finais

As ocupações, a partir da Primavera Árabe, passando pelos movimentos em Wall Street, Indignados, Revolta do Pinguins e tantas outras utilizaram as redes sociais para a busca da autonomia, para o respeito aos seus direitos, e para o exercício de sua cidadania. "O legado dos movimentos sociais em rede terá sido afirmar a possibilidade de reaprender a conviver. Na verdadeira democracia." (CASTELLS, 2013, p. 181)

O Movimento Revolta das Canetas criou uma conexão com outros movimentos, desenvolvendo uma grande articulação com a sociedade. Foi um movimento que apresentou uma grande pauta propositiva; que se aproximou, compartilhou, curtiu, promoveu oficinas, palestras, debates sobre a educação. Um grande eco reverberou por todo o Estado do Ceará e a sociedade começou a realizar uma intensa discussão política.

Em todo o trabalho, tentamos perceber como os novos movimentos sociais se utilizam das redes sociais, para realizar a mobilização politica do movimento.

> Não resta dúvida que a internet é de suma importância aos movimentos sociais e à articulação das grandes manifestações públicas e protestos. Ela é arena de compartilhamento e de participação civil (quando expressa reivindicações e as lutas por respeito aos direitos de cidadania, por exemplo, melhoria do sistema de saúde) e cívica (quando os sentidos das lutas sociais se deslocam do indivíduo como foco para o coletivo, e coloca o bem comum acima dos interesses individuais, como é o caso da luta pela preservação da democracia e dos interesses nacionais, entre outras iniciativas). (PERUZZO, 2017, p. 8)

A ocupação das escolas públicas estaduais conectou os estudantes entre si e com a sociedade, formando uma grande rede. A ocupação do espaço público e a utilização de novas tecnologias trouxeram o empoderamento dos estudantes nas escolas. Eles construíram uma identidade própria, formando uma relação de pertencimento, a partir

do medo e da raiva, levando à indignação e a união em busca da esperança, estabelecendo assim um contra poder às instituições da sociedade, onde os atores sociais desafiam o poder destas com objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses. (CASTELLS, 2013).

Durante os três meses do movimento, houve a construção de uma vivência da cidadania política pelos estudantes, a partir do processo de resistência na ocupação, das percepções e convívios diários entre si, com os professores, com os movimentos sociais, e com as demais escolas, através dos debates políticos, do contato com as culturas de minorias e vários outras questões que afetam a vida da sociedade brasileira. Assim, o maior legado da ocupação da escolas, no Ceará, foi a contribuição dada ao processo de formação politica dos estudantes, na busca por seus direitos e pelo exercício da sua cidadania política.

5. Referências Bibliográficas

CAMPOS, Antonia J. M; Medeiros, Jonas; Ribeiro, Marcio M. Escolas de luta. Editora Veneta. 2016.
CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização; tradução Mauricio Sanatana Dias. 8 ed. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2010.
CASTELLS,. Redes de Indignação e esperança. Movimentos Sociais na era da Internet. Rio de janeiro. Zahar, 2013.
CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil. O longo caminho. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002
DOWNING, Jonh. Mídia Radical. Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais, Editora Senac, São Paulo, 2002
HARVEY et al. Ocuppy. São Paulo. Boitempo: Carta Maior, 2012. Recurso digital.
GOHN, Maria da Glória. Artigo: Movimentos sociais na contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, 2010
LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.
MORAES, Denis. Artigo: Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. Revista Brasileira Ciências da Comunicação. 2000.
PERUZZO, Cicilia. Artigo: Possibilidades, realidade e desafios da comunicação cidadã na Web. 2017